

Salomão Rovedo



# O pianista da Rua da Carioca

Rio de Janeiro  
2018

## *Introito*

*“Naquele ano, apanhou uma febre de nada, que em poucos dias cresceu, até virar perniciosa. Já estava em perigo, quando lhe apareceu o editor, que não sabia da doença, e ia dar-lhe notícia da subida dos Conservadores, e pedir-lhe uma polca de ocasião.*

*O enfermeiro, pobre clarineta de teatro, referiu-lhe o estado do Pestana, de modo que o editor entendeu calar-se. O doente é que instou para que lhe dissesse o que era, o editor obedeceu.*

*— Mas há de ser quando estiver bom de todo, concluiu.*

*— Logo que a febre decline um pouco, disse o Pestana.*

*Seguiu-se uma pausa de alguns segundos. O clarineta foi pé ante pé preparar o remédio; o editor levantou-se e despediu-se.*

*— Adeus.*

*— Olhe, disse o Pestana, como é provável que eu morra por estes dias, faça-lhe logo duas polcas; a outra servirá para quando subirem os Liberais.*

*Foi a única pilhéria que disse em toda a vida, e era tempo, porque expirou na madrugada seguinte, às quatro horas e cinco minutos, bem com os homens e mal consigo mesmo”.*

Machado de Assis - Um Homem Célebre (1883)

## I

Ainda estava dentro do ônibus que me levaria à Praça Tiradentes quando ouvi de passageiros o boato de que a tradicional loja de música A Guitarra de Prata estava fechando. Falo boato porque na última sexta-feira havia passado pela loja no itinerário de mais de vinte anos com destino ao trabalho e nada fazia crer que a empresa passava dificuldades que causassem o encerramento das atividades. A loja abriu e funcionou como num dia normal.

Todo dia entro no ônibus que vem de Campo Grande e desço no ponto final da Praça Tiradentes, rumo ao trabalho. Pego a meio caminho, é verdade, quando o ônibus já está lotado, não tem lugar para sentar, mas é uma viagem rápida e isso compensa os cerca de trinta minutos passados em pé. Ademais a turma que frequenta essa linha é sempre animada e se divide em grupos, joga baralho, faz batucada e organiza programas para o fim de semana – tudo enquanto dura viagem de mais de duas horas. É jeito de criar bom astral para começar o dia.

Da Praça Tiradentes para chegar à Av. Rio Branco, onde trabalho, o melhor caminho é seguir pela Rua da Carioca cujos oitizeiros de troncos enrugados fecham as copas pelo alto sombreando e arejando toda a artéria. Antes de entrar na Rua da Assembleia e chegar ao prédio que fica na esquina com Rio Branco faço parada obrigatória para beber o cafezinho no balcão do Café Capital e tomar ciência das primeiras notícias e boatos do dia. É rotina que não deixo de cumprir – eu e mais uma centena de pessoas, pois as vejo ali todos os dias, nos cumprimentamos, fazemos comentários breves sobre isso e aquilo, depois a despedida e desejos de bom dia.

Nesse dia, ali mesmo, entremeando o bate-papo, a notícia sobre o fechamento d'A Guitarra de Prata se repetiu

mesclada com temas de futebol, política e crônica policial. Depois, a maioria acende um cigarro que vai sendo consumido entre conversas até esmagar a guimba no chão e chegar ao bom dia de despedida.

Assim foi seguido o ritual nesta segunda-feira, quando os jornais também anunciavam o fim da loja A Guitarra de Prata, pois era loja tradicional, famosa e merecia notícia de primeira página:

“Antiga loja de instrumentos musicais fecha as portas” – dizia o título da reportagem. *“Depois de 130 anos de funcionamento, A Guitarra de Prata, frequentada por músicos como Pixinguinha, Noel Rosa, Ary Barroso, fornecedora de material especializado, preferida de Paulo Moura e Baden Powell, fechou as portas. Os comerciantes vizinhos acompanharam a retirada de instrumentos e móveis com tristeza”.*

“É uma perda para a música – declarou o saxofonista Paulo Moura. *Fechar esse tipo de loja é a consequência funesta do novo comércio da internet financiado pelos bancos internacionais. Ali os músicos se encontravam quando iam comprar papel de música importado e outros produtos de qualidade que hoje não se encontra mais. O hábito de sentar no banquinho para testar o instrumento está acabando, não tem mais a conversa com outros músicos e com o proprietário”.*

“A loja A Guitarra de Prata, inaugurada em 1887 pelo português Antônio Tavares de Oliveira, era pioneira na venda de gramofones no Rio e ao longo dos anos tornou-se uma das melhores casas do ramo musical. Noel Rosa batucava numa caixinha de fósforo na entrada da loja quando compôs **“Com que roupa”**. Dilermando Reis deu aulas de violão ali mesmo antes de se firmar como o mais importante violonista carioca”.

*“Nos anos 1950 e 1960, época de ouro do rádio, na esteira do sucesso de Mario Mascarenhas e Luiz Gonzaga, a casa vendia até vinte acordeões por dia. Nos anos 1970 seria a vez das guitarras fazerem sucesso. O teclado tornou-se o instrumento da vez mais recentemente. Violões, bandolins e cavaquinhos sempre estiveram entre os mais vendidos”.*

*“A Guitarra de Prata não parou no tempo. Sempre modernizou seu estoque com as últimas novidades e impressões musicais da época. Miguel Roberto Lia, de 70 anos, 50 deles passados entre instrumentos, até o fechamento da loja, pela primeira vez vê a Guitarra de Prata fechada. Nas demais sucessões que presenciou, a casa continuava em funcionamento. Foi assim quando Otilia Ventura assumiu a direção da empresa depois da morte do marido Samuel em 1963”.*

*“Após vinte anos na direção da casa ela foi sucedida pela neta Leila Ventura, em 1983. Em 1995 Leila sofreu um assalto quando transitava na Rua do Mattoso na Praça da Bandeira. O criminoso atirou, atingindo o pescoço e esfacelando a medula. Leila ficou internada vários meses em estado grave, mas não resistiu, vindo a óbito. Os filhos assumiram a loja. Não deu certo e venderam para Maria Helena Moço, que até então era fornecedora de instrumentos para A Guitarra de Prata e grande conhecedora do ramo”.*

*“No mês passado Maria Helena foi procurada para dar entrevista sobre matéria jornalística de empresas centenárias que sobrevivem a sucessivas crises econômicas. Abatida, ela se recusou a falar. Nos últimos dias foi procurada novamente, mas não foi localizada”.*

*“Eu a encontrei triste aqui mesmo na rua e ela comentou apenas que tinha encerrado o negócio, sem dar detalhes. É uma coisa estranha passar pela Rua da Carioca e ver fechada uma loja tão tradicional como A Guitarra de Prata. Sinto certo*

*vazio” – comentou Marcos Oliveira. Ele é proprietário da Casa Oliveira, fundada em 1956, que passa a ser a mais antiga loja do ramo musical em funcionamento na Rua da Carioca”.*

*Isto é um trauma para a história musical do Rio, tanto quanto o fechamento da loja O Bandolim de Ouro. Na porta do número 37 da Rua da Carioca, onde funcionou A Guitarra de Prata, não foi afixada nenhuma informação aos fregueses. A única inscrição que existe é a placa da prefeitura em homenagem à loja com a frase”:*

**“Mais de um século de tradição contribuindo para o aprimoramento da nossa cultura musical”.**

*A estudante de música Sheila Francis ficou frustrada ao encontrar as portas de ferro cerradas. “Comprei aqui meu teclado e agora vim para comprar o violão. Era uma loja de muita tradição. Difícil acreditar que não tenha resistido”.*

Era assim o noticiário, arrebatado e passional, que tentava exprimir a consternação da população e dos usuários pelo fechamento d’A Guitarra de Prata.

Para passar as duas horas que tinha para almoço fez obrigatório um passeio cotidiano pela Rua da Carioca. Pode parecer estranho, mas gostava de especular sobre as garrafas de bebida, vinhos, licores e cachaças, penduradas por barbantes da Casa Pedro e atravessar a rua para um trago digestivo de jurubeba no Bar Flora. Sempre gustativa também era a parada breve para salivar as sardinhas no azeite da Taberna Carioca, namorar o kassler com salada de batatas, acompanhado de chope na *caldereta* do Bar Luiz.

Gostava de admirar a cutelaria variada d’O Rei das Facas – em especial as lindas e perigosas navalhas alemãs Solingen expostas em belos estojos revestidos de veludo. Mas quando andava na procura de livros tinha de achar tempo

para percorrer várias lojas começando sempre pelo Sebo Acadêmico.

Para visitas mais exóticas havia que incluir uma passada no Cine Íris que ora se encontra em abandono total. Ali se exibiam filmes somente para adultos e apresentava shows de strip-tease. Quando havia tempo ainda iria ver as novidades, os artigos de couro, chapéus e botas texanas importadas pela A Mala Inglesa, depois, dar uma esticada ao Largo de São Francisco para espiar as especiarias recém-trazidas do norte e nordeste pela Casa Bonifácio. Assim fazia a digestão, ao mesmo tempo em que relaxava o espírito para enfrentar a jornada de trabalho e ainda os estudos à noite.

Era assim a movimentada Rua da Carioca: tinha notícia boa e notícia ruim a qualquer momento. Agora a novidade que corria era de que empresários da Mangueira tinham alugado o sobrado nº 53 para estabelecer um restaurante de comida típica – tendo como prato especial a famosa feijoada carioca de todos os sábados. À noite o restaurante virava casa de samba e música. Os empresários eram Agenor de Oliveira e Eusébia Silva do Nascimento, ou seja, Cartola e dona Zica. O nome do restaurante ficou logo famoso algum tempo depois: Zicartola.

Neste dia específico de que falo, o rumor da brisa que leve ecoa das folhas dos oitizeiros foi interrompido pelo alarido numa das lojas da rua. De longe dava para ver que o tumulto era às portas da Casa Oliveira. Era impossível não se aproximar para ver de que se tratava. Alguém tocava ao piano uma valsa de Chopin, depois emendou para um choro de Nazareth, depois Chiquinha Gonzaga e por fim um xote de Gonzagão, o próprio.

Os aplausos ecoaram pela rua e atraindo mais gente curiosa de saber o que se passava. Aos poucos o espetáculo

musical tinha plateia que interrompia o trânsito na rua provocando engarrafamento de veículos.

De repente um empregado da loja, decerto enviado pelo patrão se aproximou e cortou de vez a audição tirando o executante do piano. Como ele resistisse indignado o empregado apelou para o uso da força. Vaias ecoaram entre aplausos. O pianista – só então pude perceber – era já idoso, aparentava mais de 70 anos. Tinha as mãos enrugadas pelo tempo, o sorriso ameno expunha a dentadura alva e apenas um dente na parte inferior.

Mesmo tendo recebido dois empurrões do cioso funcionário ele manteve a compostura e distinção agradecendo com vênias os aplausos das centenas de espectadores. Volta e meia ele arrumava o paletó surrado, com a dignidade de um barão, mas aquela demonstração de nobreza e decoro não iria apaziguar o empregado da loja, que estava decidido a cumprir a missão que lhe foi designada pelo seu patrão. Como sempre acontece, a vista dessa atitude autoritária mexeu com meus nervos: não deu para aguentar o espetáculo e lá fui intrometer meu corpanzil de 1,90m e 100 kg entre o mirrado pianista e o furioso empregado:

– Calma meu amigo, disse ao rapaz. Você não pode agredir um senhor dessa idade. O que está se passando?

– O patrão pediu para retirar ele daqui, respondeu com respeito. A multidão que parou para ouvi-lo fecha as portas e impede a circulação dos fregueses. Depois que ele começou a tocar não entra ninguém para fazer compras.

Acolhi a explicação do rapaz.

– Tudo bem. Deixa comigo que me responsabilizo por ele. Vamos sair numa boa.

Afastando o empregado me aproximei do pianista, pedi para se acalmar fazendo-o se sentir seguro, abrigado e protegido sob meu braço:

– Meu senhor, como é seu nome?

– Pestana.

– Seu Pestana, disse baixinho, o dono da loja reclama da multidão que se formou para ouvi-lo tocar. Eu mesmo há pouco havia chegado e estava ali me deleitando com sua apresentação, preparado para aplaudir. Mas ele tem razão e precisa liberar a porta para dar vez aos fregueses. Que tal a gente ir tomar um cafezinho enquanto essa turma se dispersa?

Foi até certo ponto fácil. Pestana se mostrou dócil e saímos da loja com intuito de beber um cafezinho. Dei uma olhada para o empregado que estava ao lado do Oliveira e fiz sinal de ok. Ele respondeu com um olhar agradecido. Isso acontece.

Antes de tudo em Pestana me impressionou o seu tipo. Nada fazia crer que tocasse piano tão bem. Usava um terno não diria roto, mas já bastante usado, do colarinho que se expandia ao redor do pescoço magro pendia a gravata de listas diagonais, como era moda. Era uma pessoa simpática, que nunca parava de sorrir e a cada sorriso o único dente canino reluzia na boca abaixo da dentadura. A conversa teve efeito e assim fomos saindo abraçados entre aplausos para o pianista, apupos para o empregado e talvez para mim. Paramos na Casa Cavé ali perto na esquina de Uruguaiana com Sete de Setembro onde, entre cafés e biscoitinhos, pude começar a ouvir a história de seu Pestana.

## II

A partir desse primeiro encontro passei a ver o Pestana com mais assiduidade, também com outros olhos. Parecia pessoa simples, mas tinha lá suas universidades. Seja porque marcávamos encontros, seja por estarmos quase sempre os dois pela redondeza da Rua da Carioca, a gente se encontrava quase todos os dias. Em princípio me surpreendeu um fato: Artur Pestana da Silva – seu nome completo – não era pianista. Tinha por profissão a afinação de pianos e outros instrumentos de teclado.

Era profundo conhecedor da profissão, o mais requisitado até pouco tempo atrás. Agora, aos setenta e oito anos, achavam que ele estava velho demais para exercer o trabalho e pouco era requisitado. Seu ouvido não tinha a mesma acuidade de quando recebeu os primeiros ensinamentos do pai. Os tempos modernos trouxeram equipamentos modernos: não basta ter boa audição, não basta o diapásão como base, a eletrônica invadiu tudo e também a afinação de piano.

– O piano é muito difícil de afinar, imagine mais de 250 cordas mantidas debaixo de tensão extrema – explicou. Ademais, todo piano tem uma harmonia própria. Desde os cinco anos de idade meu pai me levava com ele toda vez que recebia um chamado para afinar um instrumento. Em pouco tempo passei a auxiliar nisso e naquilo. E ao final depois de todo ajustado o piano ficava à minha disposição para correr as teclas enquanto ele mantinha os ouvidos atentos.

Agora sim, depois de muita conversa tínhamos chegado ao ponto de orgulho do Pestana. Era dono de uma profissão de prática quase artesanal, passada de pai para filho há gerações que o tempo veio derribar com novos talentos, outros procedimentos, equipamentos sofisticados. Por isso ele via como injustiça, falta de respeito, quando alguém o impedia de tocar piano e convidava a se retirar do local, como se fosse um marginal qualquer.

– Meu pai sabia que afinar pianos é um procedimento complicado que exige treinamento, habilidade, talento e ouvido musical para sua correta execução. Ele trouxe da Europa a técnica mais inovadora do seu tempo, veio com as melhores recomendações, assim ficou logo conhecido e tinha trabalho o ano inteiro. Ao me levar para ajudá-lo ele estava me passando um conhecimento que recebeu de seu pai, seus avós e dos maiores mestres afinadores da Europa.

Pestana continuou a me explicar com dedicação o que era a sua profissão de afinador de piano, mesmo dando conta da minha ignorância, demonstrada pelo silêncio diante de suas palavras. Ficava ali igual ao calango no muro, apenas assentindo com a cabeça...

– A harmonia é preciosa para a afinação de um piano. As notas do piano em geral são afinadas como frequência matemática. Isso diz a teoria, mas na prática entra também o instinto, a intuição. O afinador precisa da chave inglesa – o martelo de afinação – para girar os pinos. Nessa hora meu pai juntava minha mão à dele para sentir o ponto de giro e ver a diferença tátil ao girar e torcer o pino. Foi preciso tempo para assimilar esse sentido.

Fazia uma pausa, dava uma bicada no conhaque Macieira que bebíamos, e continuava:

– Não basta girar o pino. Meu pai me ensinou a sentir o atrito que causa o click no martelo de afinação. Depois que peguei o jeito meu pai trocou a mão de posição: agora a minha mão segurava o martelo e a mão dele ficava sobre a minha. Quando o click se dava eu ficava imóvel e ele sorria.

– Pestana, me desculpe, mas de afinação não entendo nada. Mas parabéns pela profissão fantástica. É bom saber que os mais famosos e exímios pianistas dependem do

afinador para apresentar as obras-primas dos compositores de piano, Bach, Chopin, Ernesto Nazareth, Liszt, Chiquinha Gonzaga. Por outro lado, a reação das centenas de pessoas que param para ouvi-lo ao piano atesta que você é um grande pianista sim.

– Como lhe disse, a partir dos quatro anos comecei a acompanhar meu pai em seu trabalho de afinação. Um dos clientes dele era o pianista Arthur Napoleão – já ouviu falar?

– Ouvi falar, sim. Mas por outros motivos. Sei que era amigo de Machado de Assis. E que os dois se tornaram parceiros em algumas canções. Machado de Assis escrevia a letra que Arthur Napoleão musicava.

– Esse mesmo. O piano, instrumento delicado, tem de ser afinado duas vezes por ano. Pianistas exigentes como seu Arthur sabem disso. Se a corda for esticada para o lado sustenido de modo excessivo corre risco de rebentar. Substituir cordas é difícil, chato e demorado. Meu pai nunca arrebentou nenhuma corda! Ele sabia e me ensinou: ao se esticar a corda para frequência alta tem que eliminar a tensão de modo a alongar a seção para imitar o som real. Antes de finalizar a afinação ele me pedia para reproduzir acordes, glissandos, arpejos, escalas, floreios, trinados, enquanto estava de ouvidos atentos.

– Disque Arthur Napoleão também jogava xadrez.

– É verdade. Ele e seus irmãos Alfredo e Aníbal – este morreu jovem aos 35 anos – todos jogavam xadrez, eram exímios pianistas e compositores. Alfredo compôs concertos para piano e orquestra que são muito executados. Mas é bom reconhecer que o melhor de todos, tanto no xadrez quanto ao piano era o seu Arthur. Chegou ao Brasil já reconhecido na Europa inteira! Dava concertos e fazia exposições desde os seis anos de idade.

– Deve ser por isso que o nome dele prevalece entre os demais.

– Correto. Certa vez eu estava testando a afinação que meu pai terminara então fui surpreendido pela presença do próprio Arthur Napoleão, que tinha chegado e ficara em silêncio me ouvindo ao piano. Ele cumprimentou meu pai e disse algo como “esse menino poderá ser um grande pianista”. Mas nada demoveria meu pai de me ter como legatário da sua arte e técnica de perito afinador. Eu mesmo nunca tive tal aspiração.

– Nunca pensou em ser aplaudido de pé pela plateia arrebatada?

– Isso jamais me passou pela cabeça. Talvez por minha própria condição de vida modesta. Mas a verdade é que eu ficava entusiasmado quando meu pai chegava após o dia de muito trabalho e começava a contar tudo que ocorrera como era hábito.

– Como era o nome dele?

– Jacinto Ferreira da Silva. Minha mãe como a maioria das portuguesas era Maria – por completo Maria Ferreira da Silva. Assim que ele chegava não deixava de dar um beijo na bochecha rosada dela e passar a mão gorda nos meus cabelos. Recolhia a maleta com as ferramentas ao armário, tirava o paletó e a camisa – ele não usava gravata porque suava muito – e se atirava na única poltrona na qual ele podia esparramar o corpo imenso.

– Maria, dizia, traz a bagaceira. – Mamãe vinha com o litro de bagaceira amarelada com ervas, junto com a travessa com um paio duro e velho que ele cortava com os dentes. Enquanto bicava um ou mais copinhos da bagaceira abrindo

o apetite para jantar, falava nas pessoas importantes que estiveram ao seu lado: seu Arthur Napoleão pra lá, seu Machado de Assis pra cá, dona Chiquinha Gonzaga, o jovem Ernesto Nazaré, as figuras de ministros próximos ao Imperador, senhoras e condessas da corte. Contava tudo assim na primeira pessoa para mostrar intimidade.

– De fato, seu pai deve ter tido uma vida bem agitada apesar das limitações do trabalho de perito afinador. Enquanto executava a sua missão as pessoas ficavam ao redor falando, trocando ideias deixando indiscrições fugirem ao calor da conversa.

– Eu e minha mãe ouvíamos com os olhos brilhando de emoção e curiosidade. Eu só pensava em ser igualmente famoso como ele, meu pai. Por isso ficou gravado em minha mente o primeiro dia em que ele me pegou pela mão e me convocou para o trabalho.

– Imagino a altivez de um filho que transformou o pai em herói – pois penso que isso aconteceu.

– Claro. Ainda hoje posso repetir tudo o que ouvi. A voz de meu pai – que se modulava diferente a cada copinho de bagaceira – ainda ecoa em meus ouvidos. O ânimo, empolgação, orgulho mesmo com que detalhava as narrativas como se fosse um ator representando, os gestos, a tragada no cigarro ou no charuto, as afetações, os gestos – tudo que ele reproduzia vinha junto com a expressão apropriada. Depois da refeição ele pegava minha mãe pela cintura, sentava ela nas pernas e ficavam os dois rindo, se beijando, se agarrando. Era o sinal que anunciava a hora de me deitar e dormir.

Nem preciso dizer que o nome Artur foi dado em homenagem ao grande pianista português. Mas ele ficou conhecido mesmo por Pestana, o Artur ficou esquecido.

### III

– A história da amizade entre Arthur Napoleão e Machado de Assis tem pontos que muitos desconhecem. Meu pai sempre se referia a Arthur Napoleão como gênio. E de fato ele era gênio porque desde quatro anos de idade já participava de concertos e recitais a piano solo ou fazendo duo com famosos intérpretes contemporâneos. Então, por que esse famoso pianista e compositor que a Europa aplaudia resolveu vir para o Brasil? Minha cabeça de jovem não concebia uma resposta aceitável.

– Quando a história está assim incompleta geralmente entra elementos desconhecidos do público. Esse caso certamente resultou de amores e paixões.

– Seu Arthur chegou ao Rio de Janeiro em junho de 1868 no navio francês *Estrémadure* para ficar de vez. Era a quarta vez que aportava aqui. Em sua companhia estava Carolina Novaes cujo objetivo oficial era ficar ao lado do irmão poeta Faustino Xavier – amigo de Machado de Assis – que estava doente, fraco das faculdades mentais, como se dizia. A família Novaes pediu ao Arthur que fizesse guarda e companhia de Carolina durante a viagem, o que ela gostou muito. Eles eram amigos íntimos, toda a família se conhecia há várias gerações. Assim, foi uma viagem tranquila.

– Nossa! Então temos aí a história de dois amores...

– Mas na verdade a vinda de Carolina ao Rio de Janeiro era rota de fuga de amor inaceitável com um jovem jornalista lusitano sem eira nem beira, que se aproveitava da boa posição dela na cidade do Porto para arrancar dinheiro e prestígio. Ele tinha dez anos a menos que Carolina, bonitão de bigodes arrebitado na ponta, carregava fama de explorador de mulheres. O pai de Carolina escorraçou o bilontra, mas o

espertalhão vivia a fazer serenatas debaixo da janela e a namorá-la às escondidas.

– Então Machado já conhecia Arthur.

– Arthur já tinha feito duas apresentações no Rio de Janeiro – depois Buenos Aires e Montevideu, sempre acompanhado do pai e empresário, quando começou a amizade entre ambos. Nascia uma amizade sincera bem ao gosto do pai que viu nisso prenúncio de que poderia descansar das preocupações para com o filho. Mas os dois eram jovens simpáticos solteiros e as moças da sociedade carioca não deixavam passar tais detalhes em branco.

– Pelo que sei os dois também eram chegados às farras com outros amigos literários.

– Claro que eram. Ouvi muitas vezes meu pai contar tais histórias de quando chegavam à loja do seu Arthur vários amigos, já tendo bebido vinho e cerveja. Entre eles sempre estava o seu Machado, o único que mesmo depois de ter bebido vinho se mostrava circunspecto, mas às vezes o monóculo ficava esquecido pendurado no colete.

“Esses dois são uns pândegas!” – dizia entre gargalhadas o velho Jacinto ao chegar a casa. Maria, dizia, traz a bagaceira. Jogava o paletó sobre o sofá, arriava os suspensórios dos ombros e só de camiseta e copinho de bagaceira na mão iniciava o relato das façanhas da gente famosa dos quais afinava o piano.

Graças a Deus naquela época o piano era o instrumento da moda. Toda casa de gente da sociedade alta e média tinha um piano. Fosse um piano de cauda para as casas mais abastadas ou um piano de armário, mais modesto, que cabia em qualquer cantinho, sempre havia o piano para encher de música o ambiente. Sempre tinha alguém se iniciando nos

acordes, fazendo exercícios de dedilhado, cromatismo, leitura de partituras e claves, escalas e intervalos.

O professor Mário de Andrade bem que registrou o fato quando escreveu:

*“A expansão extraordinária que teve o piano dentro da burguesia do Império foi perfeitamente lógica e ao mesmo tempo necessária. Instrumento completo, ao mesmo tempo solista e acompanhador do canto humano, o piano funcionou na profanização da nossa música, exatamente como seus manos, os clavicímbalos, tinham funcionado na profanização da música europeia”.*

– É claro que me dá algum orgulho saber que meu pai participou desse período, ainda que já se renunciasse a entrada do violão na sociedade principalmente com os concertos dados por um jovem vindo do Ceará, o Catulo da Paixão – que meu pai também conheceu.

“Esse seu Machado sabe muito bem aproveitar a vida, ah, sim, sabe muito bem”. – Seu Jacinto continuava a falar e rir da admiração da esposa do alto conhecimento social que tinha o seu marido.

“Ainda mais tendo como companhia os jovens poetas e escritores que serão já, já acadêmicos e famosos, aí então ninguém o supera. Sabes Maria que o seu Machado anda levando o menino Arthur e amigos lá para o final da Rua das Laranjeiras. Chega ali e em vez de ir para o Cosme Velho onde tem amigos e restaurantes, ele sobe as escadarias da Ladeira da Alice. Sabe como o lugar é conhecido, Maria? Então não sabes? Pois, pois, te digo: ali é chamado o Paraíso das Bocetas! Maria, o Paraíso das Bocetas!” E dava como desfecho a mais estrondosa gargalhada.

– Ai Jesus! Jacinto, Jacinto, olha que o menino está a ouvir.

Minha mãe sabia que eu estava escondido nalgum canto ouvindo tudo e morrendo de curiosidade, às vezes morrendo de rir das histórias que o velho contava e do espanto da mamãe.

“Ah, esses rapazes são pândegas! São uns pândegas com certeza, Maria! Esse seu Machado! Esse seu Arthur... Eles sabem como aproveitar a vida, gozar a juventude, a beleza! E imagina Maria que os meninos estão planejando fundar uma academia francesa aqui mesmo na Capital Federal. É só o que ouço na boca dos meninos: – Está na hora de ter nossa própria academia, como a francesa! ”.

#### **IV**

É claro que tivemos de trocar de pousos. Descobri que Pestana gostava de dar bicadas num conhaque Macieira e o lugar certo para isso era a Taberna Carioca, quase em frente ao Cine Teatro Íris. A frequência mudou para lá e já tínhamos uma mesinha fixa. Além do conhaque eu bebia uma caneca de vinho e traçava sardinhas ao azeite a modo de tira-gosto.

Certa vez passando pela Carioca de novo vi aglomeração na casa de piano. – De novo não! Pensei que Pestana estava novamente dando o seu recital. Fui me aproximando na expectativa de ter que apartar nova confusão. Lá estava Pestana, sentado ao piano, em plena valsa de Chopin. Uma dezena de pessoas estava à porta e mantinha silêncio teatral. Olhei para Pestana acenei e ele me respondeu com o polegar como quem diz “tudo bem”. Mandeí um olhar inquisidor ao funcionário que já conhecia e ele me respondeu da mesma forma. Então fiquei tranquilo porque desta vez não teria confusão.

Pestana deu os acordes finais, se levantou e fechou o piano após cobrir o teclado com feltro verde. Ouvi aplausos da pequena plateia enquanto ele se dirigia ao escritório da loja para entregar a chave do piano e receber os cobres pelo trabalho. O público se dispersou cada qual seguindo para a faina diária. Ele fora chamado para fazer a afinação de um piano que tinha de ser entregue de imediato e não havia nenhum outro técnico afinador disponível. Esperei Pestana sair e seguimos para o Largo da Carioca para saborear um cafezinho no recém-inaugurado Café Capital, bem ao lado do Rei da Voz.

– Eles me chamaram porque sabem que ainda sou o melhor – disse sem esconder o orgulho. Mas tenho de reconhecer que os técnicos de hoje estão melhores equipados com os aparelhos novos que trazem da Europa. Não basta mais ter bom ouvido...

Durante o cafezinho a conversa continuou:

– Sabe? Aquele é um legítimo Pleyel. Bom piano. O favorito de Chopin que foi amigo de Ignace Pleyel e seu filho Camille. Camille pegou a fábrica de pianos fundada pelo pai meio abandonada, recuperou-a e seguiu em frente. Acho que seu Arthur Napoleão teve na família Pleyel inspiração para a sua casa. O velho Pleyel era pianista e compositor, mas teve a intuição de fundar sua própria casa editora de música. Logo estava publicando e vendendo partituras de músicos importantes como os herdeiros de Mozart e seus contemporâneos Chopin – que se tornou amigo de seu filho Camille – mais: Liszt, Schubert e muitos outros.

– Pestana – interrompi a contragosto o papo – você vai me desculpar, mas tenho que pegar no trabalho. Vamos combinar o seguinte: às sete horas a gente se encontra na Taberna para dar umas bicadas e comer sardinhas, tá?

Então, guarda essa história inteirinha porque depois quero ouvir tudo tintim por tintim.

E assim nos despedimos.

Quando mais tarde cheguei a Adega já estava lá o Pestana com o copinho de Macieira na mão. Nem me esperou sentar e já perguntou:

– Onde estávamos?

– Nos pianos Pleyel, que você afinou hoje de manhã.

– É verdade. Pois o que acho é que seu Arthur Napoleão se inspirou nos Pleyel – pai e filho. Ambos foram pianistas e compositores. Mas, assim como o Ignace, seu Arthur teve a visão comercial que falta a muitos artistas. Havia no Rio de Janeiro carência de uma editora musical. Muitos compositores, poucos editores. Muitos pianistas, poucos pianos de qualidade. No primeiro momento...

Pestana estava começando a se tornar prolixo. Ficou ali durante bom tempo fazendo comparação entre Pleyel e Arthur Napoleão, se fixando mais em Camille Pleyel, posto que o pai Ignace houvesse largado de lado o fabrico de pianos e pianolas para se dedicar à composição.

– Vê se não tenho razão, recomeçou. Ignace Pleyel e Arthur Napoleão eram exímios e notáveis pianistas. Também eram compositores, editores e vendedores de partituras. Arthur Napoleão não fabricou pianos – coisa impossível no Brasil daqueles tempos – porém ele sabia quais eram os melhores, por ter realizado concertos nos pianos das mais famosas marcas.

Para sair daquela história sem fim consultei o relógio e fiz um pedido de sardinhas ao azeite, pão à francesa e um

chope. Assim que o pedido veio, solicitei para fechar a conta. Isso não moveu Pestana nem um centímetro da narrativa que vinha de enfiada.

– Para concluir a comparação – disse afinal – Camille Pleyel fundou a *Salle Pleyel* e Arthur Napoleão fez um pequeno auditório no segundo andar da loja para recitais. Chopin e Camille ficaram amigos inseparáveis. Pleyel virou patrocinador de Chopin, que passa a realizar todos os concertos no Salão Pleyel, mantendo sala cheia até a última apresentação, poucos meses antes de sua morte em 1849. Por seu lado, Arthur Napoleão, o irmão Alfredo e outros compositores como Ernesto Nazaré e Chiquinha Gonzaga recebem artistas ao mesmo tempo em que apresentaram as novidades no auditório da Casa de Pianos Arthur Napoleão & Cia.

## V

– O velho Jacinto chegou certa noite mais agitado que os dias comuns.

– Ai Maria que essa tua favada está com um cheiro que recende desde a escadaria até a porta. Toda a vila está a desejar as costelinhas de porco, as cebolas, a couve, as patacas e o repolho que estão cosidos juntos a elas...

Mamãe ria até às lágrimas, seus peitos balançavam ao ritmo das gargalhadas e bailavam independentes do corpo.

– Vamos lá homem, deixa-me tirar esse paletó e senta-te que a bagaceira está à mesa. O velho obedecia que nem cachorro mandado, sempre adiantado às ordens tanto que sempre recebia reprimendas:

– Um momento, um momentinho seu moço antes de tudo lavar as mãos, antes de tudo lavar as mãos.

Lá ia o velho reclamando ao tanque esfregar nas mãos o sabão de coco, não antes de dar a talagada na bagaceira – que para isso não precisava mãos limpas. Só então se sentava para o segundo gole ao mesmo tempo em que destroçava pela metade o pão cascudo sovado de batata doce do qual mergulhava pedaços na terrina de fava cosida e trazia com cobiça à boca desejosa.

– Jacinto, ai Jacinto, cuidado com os pingos! Minha toalha! Ai minha toalha!

A toalha de linho cru, bordada à mão, que mamãe defendia dos respingos gordurosos da favada era um dos muitos presentes que ganhou quando arrumava as malas para vir ao Brasil.

– Ainda não ouvi nada das coisas ocorridas no teu trabalho que trazes para casa como presentes. Antes passasses lá na Merceria do Colombo para pegar o bacalhau, as batatas e o azeite que começam aqui a escassear que trazer tantas historietas cheias de papas.

– Assim Maria, assim que me fazes lembrar o que hoje ocorreu não é para todos os dias. Imagina, Maria. Imagina só!

Depois do que passaria meia hora em silêncio, absorvido com as colheradas de caldo ou em separar as folhas de couve e repolho para trazê-las à boca com os dedos.

– Mas conta homem! Conta logo que isso me deixa com os nervos atacados.

Mas a pressa de mamãe não dava jeito. Eu e ela teríamos de esperar que toda a terrina de fava fosse desmantelada e as costelas e o paio e as batatas e as couves e os repolhos todos sumissem como por encanto. E que para

finalizar o resto do caldo viajasse garganta adentro em goladas tomadas direto da tigela à boca.

– Pois eu conto, sim, conto sem tardança. Pois, pois que o que presenciei hoje não ocorrerá noutros dias vindouros. Ah, não, Maria. Que milagre teu marido estar ali. Pois te conto já, já, te conto sim.

Eu e mamãe já suávamos na espera desesperada. Ela até parou de recolher pratos, travessas, talheres da mesa e levou de volta a garrafa de bagaceira trocando-a por um litro de água gelada, tudo para não interromper o conto que o velho preparava com suspense.

– Pois imagina Maria que chegaram lá o seu Machado trazendo a tiracolo o Joaquim Nabuco em pessoa! O José do Patrocínio em pessoa! O Arthur Azevedo que se refastelou numa poltrona com os dedões no colete em pessoa! O jovem romancista Graça Aranha! Vinham todos da primeira reunião da tal academia francesa que estão a estabelecer aqui no Rio de Janeiro.

Então o velho fazia uma pausa para tomar fôlego, passar a toalha em todo o rosto suado e limpar as sobras de gordura dos lábios.

– Foi de fato algo de importância, se vê logo Maria, pela presença de tais sumidades. Já lá estava seu Alfredo fazendo companhia ao irmão Arthur e ambos se congratularam efusivamente com os visitantes pela fundação da academia francesa brasileira. E por sugestão de lá se sabe quem seu Arthur foi intimado a fechar a loja para a comemoração que fariam na padaria do seu Colombo.

O velho interrompeu a história:

– Ai, ai Maria, por favor, minha garganta está seca. Traz-me a bagaceira de volta minha Maria. Te imploro...

– Não, bagaceira não. Vais beber vinho para fazer a digestão, pois comeste como um porco faminto e bebeste como um camelo no deserto.

Até o vinho chegar se fez breve silêncio. O velho Jacinto bebeu um copo que encheu logo em seguida para que pudesse dar seguimento.

– Eu mesmo fui chamado a interromper a afinação que estava quase finalizada para acompanhar aquele grupo de gente famosa. Imagina Maria, imagina teu marido no meio dessa gente, em dia de festa e comemoração, em plena padaria do Colombo, onde a sociedade mais fina comparece para o chá com torradas, para beber cerveja alemã e apreciar os melhores vinhos portugueses de todas as regiões – imagina Maria.

– Ai marido meu. Sei bem que fazes por merecer. Não te diminuas, não, porque sei que és convocado por todas as melhores casas e famílias do Rio de Janeiro para cuidar dos pianos. Sei bem que cuidas deles como se teus filhos fossem, sei bem. Sei bem. Tenho orgulho do meu marido e de meu filho que te seguirá os passos com a graça de Deus e da Virgem!

– Claro está que seu Machado, mais seu Alfredo, seu Arthur, o Graça Aranha e o Arthur de Azevedo tinham já dado como certo depois escapar da Colombo em direção à Rua das Laranjeiras. O destino sabe bem qual será Maria, já sabes: é a ladeira da dona Alice, lá onde está o paraíso das bocetas. Lá será onde de verdade será comemorada a fundação da academia francesa brasileira.

– Ai Jesus. Que esses homens só pensam nisso...

– São eles rapazes Maria, são eles meninos que estão a viver a vida. E seu Machado como o mais velho do grupo é o capitão da frota. Do jovem Graça Aranha ao presidente da academia – pois seu Machado foi aclamado presidente! – vai-se bem uma geração. Então pensas que teu marido já não foi igual a eles quando era um jovem gajo? Já fiz das minhas, Maria, fiz das minhas sim. Quando solteiro as mulheres olhavam para teu marido com cobiça. Para que decepcionar as raparigas? Não, nunca.

– Cala-te homem olha que o menino ainda está acordado ouvindo-te contar essas aventuras cheias de lorotas.

– Mas o pior estava por vir, Maria. O pior estava por vir. Pois quando estavam às despedidas na Colombo para escapar para a Rua das Laranjeiras quem chega lá na Travessa do Ouvidor? Dona Carolina de Novaes – a própria. Ao lado da moça de companhia ela veio para avisar Arthur que sua amada Livia estava passando mal. O médico tinha urgência de falar com ele e todos os familiares. Pronto! Foi suficiente para acabar a farra.

– Dona Carolina aproveitou a presença do Machado para também requisitá-lo, porém nem era preciso, pois ele não deixaria o amigo sozinho numa ocasião dessas. Saíram os dois de braços dados. Não me engano, Maria, não me engano: aí vem mais um casamento, é o que falam e quando falam já coisa dada como certa. Vem casamento aí Maria. Machado e Carolina se amam de veras.

## VI

Certa vez estávamos batendo um papo, quer dizer, não era o diálogo tradicional porque eu dava voz total ao Pestana, deixava que ele se soltasse e libertasse com largueza as lembranças para me introduzir num cenário que ainda está

vivo na memória de muita gente, seja através da literatura ou cinema e teatro. Ademais, o fato dele ter vivido a infância junto ao pai, que por profissão estava sempre entre gente de talento, artistas, escritores e compositores, influenciou a imaginação do garoto e foi a provável causa de ter memorizado os acontecimentos daquela época.

Bom. Estávamos em nossa mesinha cativa na Taberna Carioca quando o assunto foi levado até a amizade entre Machado de Assis e Arthur Napoleão. Muita gente se espantou com o fato daquele pianista famoso ter largado o sucesso na Europa e escolhesse o Rio de Janeiro para viver. Tudo acontece por amor. No caso dele em particular deveu-se ao fato de – ao contrário de Mozart, a quem era muito comparado – jamais ter assimilado por completo a vida fulgurosa de menino-prodígio: Arthur Napoleão era tímido por natureza. E, por fim, culpa-se o amor que o abateu em pleno voo...

Desde a última vinda ao Rio de Janeiro, ainda acompanhado do pai, Arthur teve a companhia e amizade de Machado de Assis. Apenas quatro anos separavam suas idades, por conseguinte, eram como irmãos, o mais velho guiava o mais novo. E nesse caso a amizade tinha o consentimento do pai que via Machado de Assis como homem da sociedade política e cultural da cidade. E o era, de verdade: através do escritor o jovem pianista foi introduzido na sociedade carioca, recebeu convites para recepções, jantares, almoços, congressos políticos.

Em contrapartida, o tímido pianista teve de aceitar o convite para algumas apresentações de cunho privado – coisa que não era do gosto dele nem do pai empresário. Mas tudo tem compensação: além dos recitais serem remunerados, sempre resultava em convite para apresentações em teatros das cidades vizinhas.

Numa dessas apresentações o jovem pianista notou certa senhorita de cabelos negros escorridos até a cintura, que não tirava os olhos dos olhos verdes dele. Quando desviava o olhar era para se fixar nos movimentos rápidos e harmoniosos das mãos, dos pés nos pedais, dos dedos esticados para as oitavas. Pianista – foi o que o jovem Arthur logo pensou. Os olhares continuaram assíduos até o fim do recital. Na primeira oportunidade Arthur recorreu ao amigo Machado para saber quem era aquela moça de olhar insistente. Em pouco tempo pôde o pianista beijar as mãos de Livia de Avelar, cumprimentar os pais e aceitar convite para um jantar.

Para se sentir mais seguro e amainar a timidez, Napoleão obrigou o amigo Machado de Assis a acompanhá-lo e no dia acertado só desgrudou dele quando tinha a presença de Livia. Após a refeição se reuniram os convivas na grande sala para o tradicional licor e café pós-refeição. No canto à esquerda, próximo à biblioteca de grandes estantes cheias de livros encadernados tinha um piano de cauda. A jovem Livia se dirigiu ao artista e o convidou para breve apresentação. Arthur aceitou, mas, com uma condição, disse: – Antes, quero ouvir a senhorita tocar.

Foram os dois ao piano. Livia sentou-se e logo as notas típicas de artistas brasileiros começaram a soar no salão. Depois de algum tempo ela passou aos clássicos: essa foi a deixa para Arthur tomar a liberdade de interferir e dar sugestões. Nesse momento todos os convivas estavam de olho no casal que fazia da apresentação um verdadeiro recital. Logo estavam os dois sentados ao piano apresentando obras ligeiras a quatro mãos. A cada polca, a cada valsa o casal ria com intimidade de quem se conhecia há tempos. Algumas peças eram cantadas e logo nascia o dueto, dessa maneira a dupla estava se divertindo mais que todos os presentes. Por fim combinaram o *gran finale*, que resultou em aplausos e bravos.

Antes de Arthur Napoleão viajar de volta à Europa, tendo recebido homenagem da cidade e elogios de toda a comunidade musical, ele se fez obrigar à despedida da família Avelar. Todos tinham como certo que Arthur e Livia estavam enamorados, apaixonados. Já embarcado no transatlântico Arthur respondeu aos acenos dos lenços bordados de Livia e sua mãe que revoavam do cais. Ainda um pouco antes, eles estiveram juntos. Enquanto o amigo Machado distraía a senhora Avelar, os namorados Arthur e Livia trocaram sérias juras de amor. Arthur prometeu: – Eu voltarei.

E foi assim que três anos depois, já emancipado pelo pai, o apaixonado pianista Arthur Napoleão desembarcou para conquistar de vez a amada Livia e ficar para sempre no Rio de Janeiro. Tinha como companhia a amiga e confidente Carolina Novaes, que veio com fim de cuidar do irmão enfermo, mas cujo destino já estava traçado pelos amigos Machado e Arthur em extensa correspondência trocada entre o Rio de Janeiro e Porto.

## VII

*Arthur se sentava ao piano como ave de rapina que derrota a presa. Para isso antes o magnífico instrumento tremia aos primeiros dedilhados do afinador com harmonia vibrante, mas suave e límpida. As notas arrancadas do teclado quebravam os ruídos do ambiente se sobrepondo ao silêncio em volta. Aos poucos a turba se acumulava e entre a gente aglomerada retinha a música.*

– Por onde andarás o Serra que não tenho visto?

– Soube que anda em mãos do receituário do Dr. Corção curando-se do mal gálico que a Sebastiana Alva lhe semeou.

– Não! É impossível! O Serra que é experiente malandro se deixou cair na tentação?

– Pois não foi?

– Ora bolas! O amigo Serra que me desculpe. Que imprudência. Até ele sabe que a Sebastiana, pelas ancas que tem e modo de tocar trombone ao píncaro ocupando-se até a última nota da partitura, é tanto ambicionada quanto temida.

– Pois se vai com qualquer marinheiro.

– Ali não são águas de se arriscar a nadar sem salva-vidas.

*Glissandos se adejaram como pássaros. Igual às gaivotas sobre as ondas as teclas viraram redemoinho, vagas em turbilhão. A veia do gênio de Arthur tinha feito rebentar da rocha a majestade precipitosa das águas da Cachoeira de Paulo Afonso, de Niágara, de Iguaçu. O artista, possuído do demônio íntimo que produz o delírio dos profanos, tinha se substanciado e incorporado ao piano em carne e osso.*

– Ademais chegam de Paris tantas marcas novas de condom. Qual! O amigo Serra caiu na arapuca.

– Ora. Se nem mesmo o galante Casanova escapou dele.

– Talvez seja consequência do descontrole que causa misturar absinto, cachaça do maranhão e cerveja, como ele costuma fazer nas noites desesperadas que as lembranças da terrinha trazem.

– Ai! Como o Serra chora o Maranhão. Talvez tenha lá esquecido um grande amor. Não tem outras explicações.

*O instrumento estremecia, arquejava, ululava, bramia, em delícias, em frenesis, gozava em êxtases, debaixo dos dedos convulsos que lhe masturbavam o entendimento. Cricrilava a sensibilidade profunda, pissiricava a paixão olímpica, ardia à pele o fogo amoroso.*

– Bom, o que está feito está feito. Agora só resta ao Serra sobreviver às dosagens de permanganato de potássio, ácido bórico, pomada de calomelanos.

– Muito pior seriam as injeções mistas de óleo cinzento ou calomelanos com 914, cuja aplicação – dizem – é tão dolorida que só pode ser feita nas nádegas ou coxas.

– Para poder voltar de novo às farras e pândegas.

– Leon Daudet conta que assistia a abertura da nova casa do sogro Charles Hugo à sociedade e ao mostrar aos visitantes certo armário dourado cheio com caixas cheias de *Capotes anglaises* de tamanho gigante!

– Famosos lá, famosos cá. Pois é exatamente dos tais que o querido Machado de Assis está precisando.

*Ora, diríeis ser a aparição de um pianista tão fantástico em magia-negra e roupagem medieval vermelha e negra igual em semelhança a Exu Veludo. Cáspite Tia Ciata de Oxum. Bravo Bixiguento! Caramba Tia Carmem do Chibuca! Porra Sinhô!*

– Então vamos dar um abraço solidário ao Serra. Nada de levar bebidas – é estrita a abstinência durante o tratamento.

– Se não for assim a recidiva acontece e virá com virulência inaudita.

– Depois então sim daremos uma chegada ao *Stadt Munchen* ou ao Boteco do Casemiro.

## VIII

– Certa noite nós chegamos em casa bem tarde. Eu estava muito cansado e fui me deitar após o jantar. Foi um dia cheio: eu e meu pai atendemos a várias pessoas, afinamos seis ou sete pianos e finalizamos o dia na Casa Arthur Napoleão. À nossa chegada esbarramos com seu Alberto Nepomuceno em companhia de seu Henrique Oswald, que viera examinar alguns pianos. Depois de espiar, tocar num e noutro e conversar com Nepomuceno e seu Arthur ele decidiu escolher um Pleyel, estilo Russo, móvel vertical em ébano, cuja sonoridade é bem próxima ao modelo Chopin, desejado por todos.

Além de seu Alfredo e Leopoldo Miguez – amigos desde que se conheceram no Porto onde Miguez estudou – estava presente dona Francisca Gonzaga e também Ernesto Nazareth, que trouxe algumas músicas para ouvir a opinião e análise de Arthur Napoleão. Depois chegaram seu Machado e Coelho Neto para se juntar a Alfredo e Arthur.

Após o trabalho o pai foi convidado a assistir no auditório a várias interpretações informais. Coelho Neto e Machado de Assis conversavam à parte sobre a academia e literatura, jogando partidas de xadrez. Garrafas de vinho portugueses estavam dispostas à mesa para quem quisesse se servir. O pai, claro, não dispensou nunca o bom vinho alentejano.

Mais tarde entrou no salão Arthur Azevedo, que veio trazer o irmão Aluísio para as despedidas: estava de malas prontas para assumir posto diplomático em Buenos Aires. Diante das muitas perguntas sobre novas produções: O que seria a novidade? Novo romance? Peça de teatro? Exposição

de quadros? O próprio Aluísio confessou que a carreira diplomática o havia afastado da literatura. Não achava tempo para mais nada. Ou então perderia a oportunidade de representar o Brasil no Corpo Diplomático.

– Penso que deixo as letras de vez – disse com voz melancólica. Ademais, tenho motivo maior: os médicos ainda não descobriram a razão dos inoportunos achaques e pequenas enfermidades que me deixam sem ânimo. Os *buenos aires* decerto me farão bem – fez o trocadilho sorrindo. Depois respirou fundo e terminou a dissertação quase gritando:

– Arre! Que vida! Arre! E, acompanhando os companheiros, foi aos vinhos e aos brindes também.

Tinha lápis e folhas de partituras, papel pautado, tudo espalhado sobre uma grande mesa, discutia-se e se escrevia o tom, a cadência, temas de composição, cantos e canções. Aos poucos o número de pessoas foi diminuindo e no recinto ficaram só os cinco amigos: Alfredo Napoleão, Leopoldo Miguez, Arthur Napoleão, Machado de Assis e Coelho Neto.

Machado, com ar alegre pleno de felicidade, aproveitou o momento íntimo na presença de reduzidos amigos para comunicar que o casamento com Carolina era fato consumado, com data marcada. Houve gritos, abraços e, claro, brindes pela ocasião festiva. Arthur Napoleão era o único que já tinha conhecimento de tudo: a notícia chegou-lhe pela voz da própria noiva.

– Trago também boas notícias para ti – disse Machado abraçando o amigo Napoleão. – Passei ontem e hoje várias horas em visita ao velho Avelar e só saí de lá com a palavra dele de que Livia será tua.

Napoleão foi pego de surpresa:

– O quê? O quê? Não acredito. Não acredito que você conseguiu dobrar aquele velho sisudo. – O quê? O quê? – Repetia sem senso algum as palavras andando em círculo pela sala. Os olhos já começavam a marejar de felicidade.

– Te digo que sim. É a pura verdade. Claro está que primeiro tive de conquistar a mãe dona Eusébia que é admiradora de meus contos e romances. O fato é que saí de lá com tua futura sogra sorrindo de felicidade e até mesmo arranquei um aperto de mãos bastante amigável do velho Avelar.

Arthur encheu o copo de vinho no que acompanharam todos num brinde pela feliz notícia.

– É minha! É minha! Disse ele consigo mesmo. É minha! Ainda dizia ele ao chegar ao piano. – É minha! Repetia ele a rir descontrolado como fazem os apaixonados. – Obrigado amigo Machado, obrigado mil vezes. E começou a dedilhar valsas, canções e noturnos a torto e a direito.

– E então, agora? Trata de marcar o casório, quanto mais cedo melhor.

Todos os presentes se divertiam com aquela reação tão novelesca. Mas é claro que sabiam que era tudo reflexo natural de quem ama. Por fim dando tom dramático à cena ele se postou no centro dos amigos e levantou a taça ao alto:

– Viver somente! Não te peço mais nada Livia. Quem me pôs no coração este amor da vida senão tu?

Depois disso a conversa começou a tratar de vários assuntos, um dos quais que – diante da boa nova das núpcias de Machado e Carolina e da auspiciosa notícia que ele trouxera ao amigo Napoleão – seria de bom alvitre dar

uma esticada ao salão de dona Alice nas ladeiras escondidas da Rua das Laranjeiras.

Alfredo tirou o corpo fora. Também ele e a esposa estavam a preparar as malas para ir à França em longa viagem “de lua de mel”. O irmão de Arthur logo se viu debaixo do fogo dos amigos, pois, depois que se casara estava numa lua de mel que não tinha fim. Machado não pôde fugir da convocatória. Ademais, estava superexcitado com as vésperas de seu casamento e pela reação turbulenta inesperada – mas de amigo verdadeiro – que o Napoleão tivera. Para todas essas emoções, só tomando absinto nos braços das mulheres encontraria jeito de dissipar todo o nervosismo.

Eu e meu pai estávamos sentados como espectadores privilegiados de tudo que ocorrera ali. Somente depois de acabado o sarau improvisado e todas as discussões seguintes, somente depois que se resolveram bater-se em retirada para a casa de dona Alice é que papai e eu fomos dispensados.

Antes de desaparecer nos becos da Rua do Ouvidor para pegar o bonde no rumo de casa, ainda ouvimos os gritos:

– Um brinde ao feliz casal Machado e Carolina! Vamos ao Paraíso das Bocetas, pois!

– Um brinde à felicidade do casal Napoleão e Livia! Ao poleiro de dona Alice, pois! As meninas que se cuidem...

De repente uma carruagem grande cruzou a nossa frente. O velho parou e como se adivinhasse algo que eu logo não me dei conta voltou até a esquina. O cocheiro sabia bem a direção e parou na porta principal da casa Arthur Napoleão & Miguez, que já havia encerrado o expediente. Ele desceu da carruagem e bateu na porta com o cabo do chicote. Nada

tendo acontecido ele repetiu as pancadas desta vez mais fortes. A porta afinal se moveu e de dentro veio a pergunta:

– Quem está lá? Então saíram Leopoldo, Arthur, Machado e Coelho Neto. Alfredo já tinha se mandado para casa. Arthur cerrava os cadeados dos portões da loja. Só então a porta da carruagem se abriu e de lá saltaram sorridentes de braços abertos Carolina e Livia.

– Surpresa! Surpresa! – Diziam as duas moças entre os gritos e abraços com que mimavam os estupefatos Machado e Arthur. Surpresa mesmo! Como elas souberam que estavam ali? Jamais descobrirão.

Tendo as comemorações da casa de dona Alice sido dessa maneira abortadas, Leopoldo e Coelho Neto trataram de cumprimentar as damas ao mesmo tempo em que se despediam dos amigos – aos quais tiraram os chapéus e atiraram o sorriso mais irônico possível, que cabia como uma luva à ocasião.

Os noivos não tiveram outra opção senão aderir à situação do momento, mas ao invés de entrar na carruagem caminharam até a Casa Cavé, logo ali perto, pois as comemorações, enfim, de um modo ou de outro teriam de ser realizadas. Ademais, o papo com Charles Auguste era sempre agradável e atualizado com as notícias que recebia da França.

– Como elas souberam? Como elas souberam? – Não cansavam de se perguntar entre troca de olhares, Machado a Arthur – Arthur a Machado. Ao ver o cocheiro cumprimentá-los tirando o chapéu tiveram rápido vislumbre das feições conhecidas. Para que há de haver cocheiros neste mundo? Se o carro andasse por si...

Os dois amigos terminaram a noite sós, como seria de se esperar. Após deixar Carolina e Livia em suas residências seguiram a esmo pedindo ao cocheiro que os levasse a algum lugar onde pudessem sentar e conversar. Voltaram ao centro. A escolha do cocheiro foi o Botequim do Casemiro onde sentaram e beberam cerveja.

O cocheiro parecia conhecer bem o local, pois ficou circulando e conversando com várias mulheres. Em dado momento se iniciou uma discussão entre dois frequentadores, com a adesão de outros simpatizantes de lado a lado, e antes que a coisa degenerasse em pancadaria, como é costume ocorrer, os amigos seguiram em frente, no rumo da Praça Tiradentes. Capoeiras e pelintras tinham livre acesso ao Botequim do Casemiro, bem sabiam.

Em linha reta até a praça foram parar no *Stadt Munchen* onde pelo menos a cervejaria alemã servia chope preto, bem ao gosto de Arthur, ao passo que Machado de Assis preferia a cerveja clara. Ainda havia grande movimento de atores, atrizes, poetas, apostadores de turfe entremeados a prostitutas, cantores e músicos da vida noturna.

– Que noite, hem?

– Rapaz nem me conta. Devo muito a ti, meu caríssimo amigo. Transformaste a noite em dia luminoso. Irás te casar amanhã com Carolina e eu tratarei de acelerar a minha união com Livia.

– Nada te devo Arthur. O que fizemos é o que fazem os verdadeiros amigos. Então, quem me trouxe de Portugal a mulher firme, valente e gloriosa que será minha esposa?

– Na verdade Machado – agora te posso confessar: eu nada fiz senão levar a ela conhecer a fama que tens entre as meninas de dona Alice.

– Que dizes? Estás louco? Isso não é coisa que se fale a uma mulher.

– Calma. Não te preocupes quanto a isso. Eu e Carolina nos conhecemos desde adolescência. Somos amigos íntimos, como tu e eu. Muito devo a Carolina e ela a mim.

– Mesmo assim, não é coisa que se diga a uma dama, ainda que em segredo. Louco!

– Saiba que no Porto foi ela quem serviu de minha protetora, pois é de pouco mais idade que eu.

– Mas toda intimidade há de ter o limite do razoável.

– Te digo amigo, a Carolina sempre foi dona de um círculo de amizade de dar inveja. Pois ela não hesitou em me introduzir na intimidade das mais belas e sensuais mulheres do Porto. Algumas que jamais imaginara ter em meus braços, em meu leito.

– Não fosses tu amigo tão querido por mim assentaria merecidas bengaladas nas costelas.

– Quando a família me procurou para trazê-la ao Rio de Janeiro e colocou-a a meus cuidados, imagina logo em que pensei. Em ti! – Essa é do Machado, disse para mim. Depois quando a conversa ficou mais íntima falei com a Carolina sobre você. Pinte-te como és – não foi preciso dar nenhum retoque. Ela assimilou e adotou a ideia de imediato.

– Ah, quer dizer que então tudo já estava planejado e eu fui o último a ter conhecimento?

– Assim é. Mas agora que está tudo arranjado da melhor forma possível e certo de que estás pleno de felicidade, é justo que saibas tudo.

– Ora Arthur, agindo assim você me deixa num estado mórbido de curiosidade. Conta logo, diabos, conta logo do que se trata.

– Pois te digo, amigo do coração, apenas transmiti a Carolina a fama que tens entre as mulheres, tanto da casa da Alice quanto nas outras farras que nós fizemos, nas casas que visitamos no fundo da noite escura, algumas vezes em meio à loucura e insensatez que aos jovens acomete. E desde então a própria Carolina avançou sobre ti querendo tomar posse do que a ela já pertencia na imaginação.

– Mas que história de fama é essa que desconheço? Ora, pois, não seria eu o primeiro ter direito a sabê-lo?

– É sobre a herança que trouxeste de teus antepassados africanos, Machado. Não se trata de nenhuma outra coisa. Apenas isso. Essa é a fama que tu tens entre as meninas.

Assim dizendo Arthur, com as mãos abertas em palma na horizontal, num gesto bem conhecido, expressiu o tamanho que queria especificar. Depois se aproximou do ouvido do amigo para sussurrar:

– O que as mulheres espalham entre elas meu caro Machado – e me deixa com muita inveja – é que tens o caralho tão grande que quase chega ao joelho!

E Arthur deu uma gargalhada que só terminou com o gole no chope e um brinde com o amigo. Em princípio Machado de Assis não soube como reagir, ficou mudo de espanto, silencioso em meditação. Mas, alguns segundos depois de bem pensar, emendaram-se os risos dos dois, as

gargalhadas, a alegria de ambos e tudo terminou em grande e duradouro abraço.

Por fim entraram de volta ao coche, cantando valsas e canções de improviso, tomaram rumo de casa. Depois começaram a conversar...

– Machado, desde a primeira vez que te conheci soube que seríamos bons amigos. Agora que o Alfredo se irá de retorno ao Porto, tenho-te como irmão mais velho. A ti devo a iniciação no melhor que há da sociedade carioca. Zelaste até pela boa aplicação do meu dinheiro. E tudo por amizade. Tu és homem de moral.

– Ora, Napoleão, que assim fico encabulado. Tudo bem, aceito o elogio. Eu também tenho a ti como se fosse meu irmão caçula, por isso cuido de te pôr a salvo dos lobos, malandros e pelintras que aqui abundam, ainda que disfarçados em pele de cordeiro e baronatos fugidios.

– Nada se compara ao que me fizeste hoje. Defender-me ante o velho Avelar e entregar a mim a minha amada Livia de bandeja, como Salomé recebeu a cabeça de Batista!

– E tu maroto que foste portador da minha para sempre Carolina? Não te peço mais nada. Aliás, peço-te sim: tem dó. Vê se alivia um pouco as surras que me dás no xadrez.

Napoleão não pôde conter o riso.

– Fato é que se jogasses xadrez tão bem como escreves eu é que seria vítima de surras memoráveis.

Já raiava o sol da matina lá pela Ponta do Calabouço: Machado de Assis entoava letras na ponta da língua, Arthur Napoleão botava música com uma flauta invisível.

## X

Ao fim da tarde, a escuridão ia já anoitecendo toda a cidade, Machado de Assis e Arthur Napoleão fugiram das despedidas traumáticas e rumaram ao escritório da loja. Arthur mal chegou sentou ao piano e começou a dedilhar melodias noturnas que servissem de moldura à triste ocasião que foi o enterro do amigo Joaquim Serra.

Machado de Assis trazia presa às mãos a folha de papel na qual escreveu algumas linhas de despedida. Todos os amigos, aliás, não deixaram de prestar o justo preito a Joaquim Serra, a maioria dizendo com palavras simples – como assim desejaria o homenageado – o quão importante foi a presença política e literária do combativo jornalista.

Apenas uma lâmpada tirava das sombras o ambiente embebido de tristeza e saudade. Os dois amigos sentados lado a lado tinham os olhos marcados pela dor da perda. Enquanto Arthur tocava, Machado de Assis relia em silêncio – de si para si – o que tinha escrito. Foi o texto mais simples de todos que soaram à beira do túmulo. O mais simples, o menos dramático, o mais íntimo. Perdera o amigo, mal haviam comemorado as primeiras vitórias literárias e políticas.

“Quando vim enterrar o meu querido Serra, vi que naquele féretro ia também parte da minha juventude. Logo de manhã relembrei-a toda. Enquanto a vida chamava ao combate diurno as legiões infinitas, alegres e indiferentes, como se não acabasse de perder um dos mais robustos legionários, me recolhi às memórias e a reler algumas cartas do meu amado amigo”.

“Cartas íntimas, familiares, mais letras e artes que política. As primeiras, embora velhas, eram ainda moças, daquela mocidade que ele sabia dar às coisas que tratava.

Relê-las era conversar com o morto, cuja alma ali estava derramada no papel, tão viçosa como no primeiro dia que nos conhecemos. A cintilação do espírito era a mesma: a frase brotava e corria pelo papel, como a água do córrego – rumorosa e fresca”.

“Os dedos que tinham lavrado aquelas folhas de outro tempo e que vi depois cruzados sobre o peito, lívidos e hirtos, não pude deixar de os contemplar longamente, recordando as páginas públicas que trabalharam soltas ao vento, ora com o desperdício de um engenho fértil, ora com a tenacidade de apóstolo”.

“Versos sobre versos, prosa e mais prosa, artigos de toda casta, políticos, literários, o epigrama fino, o epíteto certo ou jovial e durante os últimos anos a luta pela abolição, tudo nasceu daqueles dedos infatigáveis, prestadios, tão cheios de força como de desinteresse”.

“A morte trouxe ao espírito de todos o contraste singular entre os méritos de Joaquim Serra e o destino político. Se a vida política é, como a demais vida universal, luta em que a vitória há de caber ao mais aparelhado, aí deve estar a explicação do fenômeno. Podemos concluir então, que não bastam o talento e a dedicação, senão é que o próprio talento pode faltar, às vezes, sem dano algum para a carreira do homem”.

“A posse de outras qualidades pode ser também negativa para os efeitos do combate. Serra possuía a virtude do sacrifício pessoal, que muito cedo aprendeu e cumpriu, segundo o que ele próprio mandou me dizer um dia do Maranhão, no dia 10 de março”:

*“Querido Machado. Já te escrevi algumas linhas acerca da minha adiada viagem em maio. Foi mister... Não sei mesmo como se exigem sacrifícios da ordem daqueles que ultimamente*

*se me têm exigido. Se eu contasse tudo, talvez não o acreditarias. Enfim, não te verei em maio, mas hei de ir ao Rio este ano. Teu amigo, Serra”.*

“Não me referiu, nem então nem depois, outras particularidades, porque também possuía o dom de esquecer — negativo e impróprio da vida política. Era modesto até à reclusão absoluta. Suas ideias saíam todas endossadas por pseudônimos. Eram como moedas de ouro sem efigie, com o próprio e único valor do metal”.

“Daí o fenômeno observado: quando chegou o dia da vitória abolicionista, todos os seus valentes companheiros de batalha citaram gloriosamente o nome de Joaquim Serra entre os discípulos da primeira hora, entre os mais estrênuos, fortes e devotados”.

“Mas a multidão não repetiu o clamor, pois não o conhecia. Ela, que nunca desaprendeu de aclamar e agradecer os benefícios, não sabia nada do homem que, no momento em que a nação inteira celebrava o grande ato, recolhia-se satisfeito ao seio da família. Tendo ajudado a soletrar a liberdade, Serra ia continuar a ler o amor aos que lhe ensinavam todos os dias a consolação”.

“Mas eu vou além. Creio que o Serra era principalmente um artista. Amava a justiça e a liberdade, pela razão de amar também o arquitrave e a coluna, por uma necessidade de estética social. Onde outros podiam ver artigos de programa, intuitos partidários, revolução econômica, ele via uma retificação e um complemento. E porque era bom e punha em tudo a sua alma inteira, pugnou pela correção da ordem pública, cheio daquela tenacidade silenciosa de um escritor de todos os dias, intrépido e generoso, sem pavor e sem reproche”.

“Não importa, pois, que os destinos políticos de Joaquim Serra hajam desmentido dos seus méritos pessoais. A história destes últimos anos lhe dará um coto luminoso. Igualmente, recolherá mais de uma amostra daquele estilo tão dele, feito de simplicidade e sagacidade, correntio, franco, fácil, jovial, sem afetação nem reticências. Não era o humor de Swift, que não sorri, sequer. Ao contrário, o nosso querido amigo morto ria largamente, ria como Voltaire, com a mesma graça transparente e fina, sem o fel das frases nem a vingança cruel, que compõem a ironia do velho filósofo”.

## **XI**

Faz mais de dois meses que não encontro o afinador Pestana. Ando circulando pelos mesmos locais para ver se a gente se vê para aquele bate-papo de sempre. Repito todos os dias o mesmo itinerário: Praça Tiradentes, Rua da Carioca, Av. Rio Branco que refaço em sentido inverso de tarde ao fim do expediente. Nada.

É claro que isso me deixou preocupado devido ao avançado da idade dele. Pode estar doente, em hospital – quem sabe? Não tendo outros detalhes da vida do Pestana fiquei sem saber como agir. Todas as vezes que passava na loja de pianos cumprimento o empregado ou o Oliveira e pergunto por Pestana, até com certo ar de galhofa:

– E o Pestana, tem perturbado muito?

Mas a resposta é sempre a mesma:

– Anda sumido, nunca mais apareceu. – Para finalizar com as mãos postas: – Graças a Deus! Graças a Deus! E assim nos despedimos.

Na saída do trabalho muitas vezes fiquei sozinho na Taberna Carioca bebendo chope na esperança que ele

aparecesse. Nada. Assim foi passando o tempo e lá se vão os meses sem vê-lo. Aos poucos também fui me esquecendo de saber dele, perdendo a expectativa de encontrá-lo. A vida continua com sua rotina, o trabalho ocupa o dia todo, o estudo exige compenetração. Ter conhecido Pestana foi se transformando em lembrança, dessas que surgem de vez em quando na memória e logo desaparece.

Pois foi num desses dias descontraídos em que não me passou pela cabeça reencontrar Pestana reparo na aglomeração que quase vedava por completo as portas da loja de pianos. Não! Não é possível. Me aproximei e acompanhado pelos risos, gargalhadas, assovios e vaias do pessoal entrei na loja.

Eram muitos os que assistiam as peripécias de Pestana: mais de vinte, quase trinta, é certo. De dentro da loja soavam os acordes de músicas, fragmentos de valsas, ô abre alas, de Chiquinha Gonzaga! Procurei o com o olhar o funcionário que já conhecia e o vi desesperado tentando, sem êxito, tirar Pestana do piano.

Criei coragem e mesmo a contragosto fui até lá.

– Pestana, Pestana, está na hora de sair. Vamos sair meu amigo, venha comigo.

Ele me olhou como se fôssemos estranhos.

– Quem é você? O que você quer? Quem é você?

– Sou o seu amigo Salomão, não lembra?

Ele me olhou com detalhes, a roupa, as pernas, os pés – mas sem parar de passear as mãos sobre o teclado. Mas o olhar era vago, como se fitasse a um ponto distante, não

específico. Ele não me olhava, apesar de estarmos cara a cara.

– Quem é você? Não te conheço. Não vê que estou trabalhando? Não vê que estou afinando o piano? Não me interrompa, preciso estar concentrado no trabalho. Afinar pianos é um procedimento complicado que exige treinamento, habilidade, talento e ouvido de músico.

– Pestana, disse a ele, o Oliveira, dono da loja, reclama da multidão que está ali obstruindo a entrada. Afinal aqui é um comércio, as pessoas querem entrar para fazer compras e não podem...

– Mas o que você quer? Saia logo daqui. Não vê que estou trabalhando? Não vê que estou afinando o piano? Não interrompa!

Diante da minha insistência em arrancá-lo dali antes que o pior acontecesse:

– Sabe com quem está falando? Com o Rubinstein! Vou acabar perdendo o trabalho, perdendo dinheiro. Por sua causa! Por sua causa!

Pestana repetia a cantilena com as mesmas frases, intercalando empurrões para que me afastasse dele.

– Sabe com quem está falando? Sabe com quem está falando? Eu sou o maior, eu sou Horowitz!

As mãos de Pestana varriam o teclado com uma fúria inaudita, algumas vezes suave, outras com violência. Não havia nenhuma técnica nem como intérprete nem como afinador. Levantava-se do banco e continuava executando qualquer som de pé mesmo. Atacava os pedais como se chutasse a bola de futebol.

– Pestana, Pestana, está na hora de sair. Vamos sair meu amigo, venha comigo, venha comigo. O dono da loja quer chamar a polícia, ele reclama da multidão que está obstruindo a entrada, impedindo clientes de entrar.

– Deixe-me em paz. Não interrompa um concerto do grande Glen Gould!

Insisti várias vezes no apelo esperando a reação positiva que não veio. Olhei para o rapaz com desânimo. Não tinha jeito de tirá-lo do piano, antes, eu é que estava sendo expulso dali pelo próprio. Fiz um gesto negativo de desistência ao funcionário.

– Desta vez não tem como arrancar o homem daqui – disse a ele.

Oliveira e seu empregado se aproximaram mais uma vez, agarrando Pestana firme pelos braços, mas ele resistia:

– Solte-me! Solte-me! E voltava para a plateia: – Vejam, querem impedir o grande Busoni de tocar!

A multidão que se aglomerava em frente à loja gritava, aplaudia, protestava em plena balbúrdia.

– Está vendo? Por causa desse alvoroço que o patrão já chamou a polícia.

– Não! Não! Não deixe que isso aconteça.

– Não tem como evitar. Ele não quer sair. Está apresentando sinais de loucura e age com violência. A polícia e a ambulância já estão a caminho.

E de fato foi assim que aconteceu. Mais uma vez fui até Pestana e fiz o último esforço para tirá-lo daquela situação. Mas ele só reagia desse modo e seus olhos refletiam o brilho da loucura.

– Largue-me, me deixa tocar. Sou o famoso Pederewski!

Dentro em pouco chegou o camburão com alguns policiais, a ambulância com médico e enfermeiro. Mas não foi preciso usar de muita violência, a não ser na primeira abordagem. Pestana gritou, esperneou, tentou se mostrar importante:

– Eu sou Alexandre Scriabini! E assim foi se nomeando como famosos pianistas, estendendo os braços para o alto, clamando para os assistentes que agora já troçavam do louco.

Certa hora levou a equipe médica ao limite ao tentar morder os enfermeiros. Foi o sinal para que os policiais o imobilizasse. Só assim o médico pôde injetar o coquetel de haldol com midazolam e haloperidol – conhecido como “sossega leão” – usado em pessoas com comportamento alterado, em loucos. Não tem outro jeito de controlar a agitação, que sempre aumenta e vai crescendo. Depois que recebeu a injeção, Pestana apagou por completo em poucos segundos.

Antes da ambulância partir perguntei ao médico para onde o levariam.

– Vai direto para a Colônia Juliano Moreira.

Agradei e comecei a programar a visita a Pestana. Conheço bem a colônia de visitas anteriores a alguns amigos que sofreram de esquizofrenia. Os pacientes tomam quatro remédios diferentes por dia, além das injeções “sossega leão”. Em caso de surto se aplica logo qualquer medicamento, ou

mistura deles, para controle da esquizofrenia. A aplicação de choque elétrico foi descartada devido aos danos irreparáveis que causam ao cérebro e ao sistema nervoso central.

Mesmo assim, esses coquetéis são muito violentos e levam a nível zero qualquer atividade psíquica, eliminam as alucinações e os delírios. Mas o uso contínuo dessa mistura gera surtos periódicos e deixa sequelas como tremor constante, agitação incontrollável, levando à morte cerebral. É uma lobotomia química, que acaba por trazer a paranoia, a sensação de morte, mania de perseguição, alucinações visual e auditiva – e outras síndromes.

Depois que a ambulância e a viatura saíram a Rua da Carioca retomou o movimento normal. As pessoas cuidavam dos afazeres, das compras ou apenas seguiam em frente, os casais passavam de braços dados olhando as vitrinas, pois a rua é um elo importante que interliga e dá vida a artérias e becos, assim como as safenas. Nos dias seguintes quem se lembraria da figura do Pestana? Quiçá um memorialista, um contador de histórias; talvez fosse transformado em anedota: – Lembra a história do pianista que juntava gente na Rua da Carioca? Aquele que tocava nos pianos das lojas, até que um dia ficou louco? – diriam.

Respirei fundo me sentindo aliviado, mas francamente abalado com tudo aquilo. Nunca é fácil. Atravessei a rua indo direto à Taberna Carioca para tomar um conhaque Macieira. Brindarei em silêncio na lembrança do Pestana. Brindarei à sua memória que tanta lembrança guardou até entrar em colapso. Estava precisando...

Assim foi que logo no sábado seguinte dei um jeito de ir até Jacarepaguá visitar o Pestana. O pavilhão dos internos funciona no antigo edifício-sede da Fazenda Engenho Novo. Os imóveis vizinhos que ainda podem ser utilizados servem como administração, enfermaria e unidades de apoio. Ali fica

a lavanderia, a cozinha, a despensa, etc. Mais adiante está a Igreja Nossa Senhora dos Remédios, que recebe visita semanal de um padre para missas e orações. No mesmo local criou-se um ambiente ecumênico para que as pessoas de outras religiões possam dar vazão à sua fé. O restante das edificações está deteriorado pelo tempo, não serve para nada, é impossível impedir que a vegetação cresça e tome conta do interior e em redor.

Fui até a administração para localizar o Pestana e me apresentei como amigo de família. Em casos iguais ao de Pestana é sempre bom aparecer alguém para visitar e mostrar interesse no internado. O enfermeiro me apontou de longe e reconheci o Pestana. Ele estava sentado num banco debaixo da mangueira, barba por fazer. Suas mãos deslizavam no vácuo como se executasse alguma peça musical. De tempos em tempos os braços se agitavam em movimentos que eu não entendia. Quando cheguei à sua frente ele me olhou com o mesmo olhar perdido, sem ver ninguém à sua frente.

Depois de um tempo voltei-me para sair. Não trocamos uma palavra sequer. Agradei aos que me atenderam e deixei nas mãos do enfermeiro algumas coisas que tinha levado para o Pestana. Comuniquei que voltaria na próxima semana. Talvez não voltasse jamais, mas assim passa-se aos administradores a impressão de que o doente tem alguém próximo, que não está de todo abandonado. Com isso se tem a esperança – muitas vezes frustrada – de que receba melhor tratamento. É um último alento que se tem ao ver as dependências semiabandonadas e em ruínas da Colônia Juliano Moreira – condenada pelos jornais e pela população como “O inferno na terra”.

*Rio de Janeiro, Cachambi, 2016/2018.*

© Salomão Rovedo

2018